

# Feitiçarias e outras macumbas: perspectivas docentes sobre a religiosidade de matriz africana no espaço da escola pública

Witchcraft and other kinds of macumbas: teachers' perspectives on African-based religion in public schools

Gilberto Ferreira da Silva\*

**RESUMO:** A temática da religiosidade de matriz africana no ensino médio das escolas públicas constituiu-se o objeto central deste estudo, em especial da escola pública que atende a juventude localizada nos espaços periféricos dos grandes centros urbanos. Os dados empíricos apresentados neste trabalho são oriundos de uma pesquisa financiada pela UNESCO e gerenciada pelo Ministério da Educação (MEC), através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Na origem, a pesquisa que mobilizou esses dados intitulou-se: *Afro-brasileiros e Religiosidade de Matriz Africana no Ensino Médio: na esquina um despacho, e a escola?* A pesquisa em sua totalidade contemplou a realização de um conjunto de entrevistas (professores, membros da equipe diretiva e estudantes) e a coleta de dados a partir de observações em três escolas do Município de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2005.

**ABSTRACT:** The topic of African-based religion in high school level at public schools is the main focus of the present study, specially, in relation to those public schools that provide education to the youth living in marginal areas of big cities. The empiric data presented in this paper are the result of a research sponsored by UNESCO and supervised by the Ministry of Education (MEC) by means of the Continuous Education, Literacy and Diversity Office (SECAD). At the beginning, the research project that generated these data was called 'Afro-Brazilians and African-based Religion in High School: on the corner, an offer. What about the school?' The research comprised a set of interviews whose respondents were faculty members, managing board, and students, as well as *in loco* data collection at three schools in the city of Porto Alegre in the state of Rio Grande do

---

\* Dr. em Educação. Professor do Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário La Salle – Unilasalle. Pesquisador CNPq. Endereço eletrônico: ferreira@unilasalle.edu.br

Para este trabalho, apresenta-se uma reflexão centrada especificamente nas percepções colhidas dos professores e dos membros das equipes diretivas das escolas pesquisadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação de Professores; Religiosidade de matriz africana; Ensino Religioso; Ensino Médio.

Sul, in the south of Brazil, in 2005. The present work is centered specifically on the perceptions of faculty members and school managing board of the institutions surveyed.

**KEY WORDS:** Teachers' training and education, African-based religion, religious education, high school

## Introdução

Na última década, presenciou-se um amplo avanço em que as diferenças foram postas em debate, assumindo ora como desafio a ser enfrentado, ora como solução a ser empregada. Entretanto, deve-se considerar o fato de que a exigência trazida para os mais diferentes campos do conhecimento desse fenômeno social, cultural, econômico e político não é novidade para a humanidade. Tal fato pode ser ainda mais acentuado se lançado no contexto latino-americano, no qual os processos de hibridização cultural e social, logo após a chegada dos europeus, se intensificaram para além da já instituída diversidade. No contexto brasileiro, esse movimento assume características peculiares, em grande medida, devido ao processo de mestiçagem entre povos europeus, africanos e indígenas, gerando uma nação que carrega no próprio sangue as marcas culturais de diferentes povos.

Se, por um lado, o debate atual estabelecido mundialmente em torno do respeito, do reconhecimento e da potencialização das diferenças assume cada vez mais um lugar de destaque, haja vista o potencial de consumo da diversidade como produto comercializado, dos recentes impactos de formas de racionalidades ordenadas por lógicas que diferem da lógica ocidental, por outro, impõem-se, igualmente, diferenças para se pensar as diferenças a partir de contextos localizados, imersos em enraizamentos históricos e que, nem por isso, deixam de estar conectados com os movimentos globais de circulação da cultura, das tradições e das práticas cotidianos dos mais diferentes grupos humanos (CANCLINI, 1990; 2003).

A questão da diferença pensada no contexto brasileiro cobra um olhar para além do contemporâneo emergente, exigindo um mergulho em, pelo menos, 500 anos de história da construção do ideal de nação chamado Brasil. Portanto, lidar com a realidade multicultural, diversa, dispersa e essencialmente mestiça, híbrida, se coloca como desafio latente para os pesquisadores no campo das ciências humanas e sociais. Uma coisa é enfrentar a diversidade cultural demarcada por características prontamente identificáveis, outra é enfrentar a análise de um processo de hibridação histórico construído ao longo de cinco séculos. Para agravar ainda mais esse quadro, é evidente que as ferramentas analíticas disponíveis para realizar tal empreitada estão vinculadas diretamente a uma lógica binária (o alto –

o baixo, o negro – o branco, o homem – a mulher, etc.) em que não se encontra com facilidade o espaço para o “intervalo”, para o híbrido, para o mestiço.

É justamente, procurando por esse espaço intervalar, por esse lugar analítico que se constitui e se nutre pela junção de duas ou mais expressões culturais que se construiu esta reflexão, incorporando nesse campo vasto, emblemático e complexo, o tema da religiosidade de matriz africana no cenário da escola, em especial, da escola pública que atende a juventude localizada nos espaços periféricos dos grandes centros urbanos. Em outras palavras, o objetivo deste trabalho é compreender as percepções dos professores sobre a religiosidade de matriz africana no espaço da escola pública.

Os dados empíricos apresentados neste trabalho são oriundos de uma pesquisa financiada pela UNESCO e gerenciada pelo Ministério da Educação (MEC), através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Na origem, a pesquisa que mobilizou esses dados intitulou-se: *Afro-brasileiros e Religiosidade de Matriz Africana no Ensino Médio: na esquina um despacho, e a escola?* A pesquisa em sua totalidade contemplou a realização de um conjunto de entrevistas (professores, membros da equipe diretiva e estudantes) e a coleta de dados a partir de observações em escolas do Município de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2005<sup>1</sup>. Contemplaram-se três escolas públicas de ensino médio, situadas geograficamente em regiões populares e de periferia, sendo, pelo menos, uma próxima a um terreiro de batuque ou umbanda com significativa atividade.

Para este trabalho, apresenta-se uma reflexão centrada especificamente na análise das entrevistas realizadas com membros das equipes diretivas das escolas pesquisadas, considerando o fato de que esses professores pudessem oferecer uma visão abrangente da realidade escolar. Foram entrevistadas quatro educadoras, o fato de serem todas do sexo feminino se deu por mera casualidade. As entrevistas aconteceram na própria escola, foram previamente agendadas e durante o horário de trabalho das educadoras. A entrevista baseou-se em um roteiro, comumente designado de “semiestruturado”, ou seja, com questões elaboradas pelo pesquisador e com flexibilidade para inserção de novas dimensões durante o ato da entrevista, sempre com o cuidado de manter o foco no objetivo da pesquisa. Das três escolas, se pode afirmar que duas delas acolheram satisfatoriamente a proposta de pesquisa e a disponibilização de documentos complementares; quanto à terceira, observou-se uma maior resistência para a cedência dos depoimentos, sendo que a alternativa encontrada foi a realização de uma entrevista com as duas professoras supervisoras ao mesmo tempo.

---

<sup>1</sup> Conferir artigo em *Expressões de religiosidade de matriz africana no ensino médio: um estudo em escolas públicas no contexto de Porto Alegre (RS)* (Silva, 2006) onde se apresenta o conjunto dos resultados da pesquisa, contemplando aspectos tanto da percepção dos alunos quanto dos professores e dos membros das equipes diretivas.

## Por uma breve descrição das escolas pesquisadas

A escola Um localiza-se na área do município de Porto Alegre, denominada de Região Glória. Situa-se entre dois morros. Apresenta condições típicas de um bairro de periferia de uma metrópole: as ruas são estreitas, a grande maioria das casas é de alvenaria, todas aparentemente em processo “permanente” ou “inacabado” de construção. A ligação com o centro da cidade se dá através de uma longa avenida. A escola ocupa um terreno em declive. O acesso é feito por uma rua sem saída. O acesso à parte interna do estabelecimento de ensino se dá através de um grande portão de ferro. A escola encontra-se totalmente murada. Quanto à sua estrutura interna, verifica-se um cuidado com a manutenção do prédio. No entanto, as salas de aula e os espaços de circulação estão com a pintura “vencida”. Classes e cadeiras têm uma aparência de muito uso. Observa-se um controle rigoroso da entrada e saída dos alunos e visitantes, tal controle é realizado por uma funcionária, localizada em uma porta que dá acesso ao prédio, logo após o ingresso no pátio da escola.

Segundo informações da direção, há um interesse por parte dos professores em realizar atividades que possam contemplar as práticas religiosas de matriz africana, inserindo-as nos conteúdos escolares do ensino médio e fundamental. No entanto, conforme destaca a direção, tal intenção não foi operacionalizada ainda por falta de profissionais com conhecimento sobre o assunto. Uma das razões para o desenvolvimento de tal trabalho deve-se ao fato de que a comunidade apresenta uma riqueza e diversidade de práticas religiosas, incluindo as religiões de matriz africana (umbanda, quimbanda e casas de nação) e, em especial, a presença de religiões de cunho pentecostal.

A escola Dois, objeto de estudo nesta pesquisa, está situada na Região do Partenon em Porto Alegre, especificamente em uma área denominada de Vila Maria da Conceição. Essa comunidade possui um histórico interessante, considerando o fato de que é composta, em sua maioria, por moradores de descendência afro-brasileira (aproximadamente 90%). A Vila Maria da Conceição situa-se em um morro com o mesmo nome. O nível de pobreza apresenta-se em um grau acentuado, uma vez que, circulando por entre as ruas (becos e travessas, pois muitas delas não ultrapassam dois metros de largura e são completamente disformes), facilmente é possível observar detritos de esgoto cloacal em valos a céu aberto. As casas (barracos, em sua grande maioria) são feitas com madeira e material de sobras de construções. Praticamente, um barraco é sobreposto ao outro. A escola situa-se ao lado dessa comunidade. A vila possui uma organização interna de movimentos populares, comunitários e, inclusive, grupos identificados com o movimento negro, atuando há muitos anos. Exemplo disso é a Cooperativa de Mulheres Negras Oduduwa, que possui um barraco como sede nos fundos do terreno de uma das fundadoras da cooperativa. Outro aspecto a ser destacado é a presença de inúmeras casas de religião de matriz africana na rua que permite o acesso principal à escola. Segundo informações obtidas junto a um aluno, podem ser encontradas mais de dez

casas/templos. A escola, tal como a anterior, encontra-se totalmente protegida por um muro. O acesso se dá via um único portão. Logo em seguida, há a porta de entrada, controlada por um funcionário. O prédio encontra-se em bom estado de conservação.

A escola Três localiza-se na zona Leste de Porto Alegre, continuidade da região Partenon. Das três escolas pesquisadas, é a que mantém um curso de Magistério, além do curso de preparação para o vestibular. Encontra-se a poucos metros do presídio central de Porto Alegre e está cercada por outras construções militares. É uma região que pode ser caracterizada como popular de classe média baixa. A escola situa-se a poucos metros de uma grande avenida, integrante da chamada terceira perimetral, que corta a cidade de Porto Alegre, no sentido sul - norte, contribuindo para fluir o trânsito em direção ao centro da capital gaúcha. O acesso à escola se dá inicialmente por um grande portão, que fica aberto ao público. Em seguida, há outro portão menor, controlado por um funcionário. A escola possui um sistema de segurança realizado por um Policial Militar que permanece na parte interna. A estrutura física do estabelecimento é composta por dois prédios distintos, unidos por um grande corredor. As condições em que se encontram as instalações da escola são parecidas com as outras duas anteriores: pintura “vencida”, carteiras escolares desgastadas. Aparentemente, a relação entre funcionários e alunos parece ser amigável e de parceria, principalmente quando se trata da relação dos alunos com a funcionária que “apara” as questões cotidianas da escola: autorizações para afastamento temporário da escola, problemas de atraso para ingresso nas aulas, relações entre grupos, etc.

Uma vez explicitadas as razões, os princípios metodológicos, as origens e o contexto da pesquisa, apresenta-se a seguir alguns elementos que permitem compreender o quadro atual da pesquisa sobre a temática da diversidade religiosa, em especial, as de matriz africana no escopo das produções acadêmicas.

## **Formação de professores e a questão étnico-cultural**

Pesquisadores/educadores têm investido na pesquisa, preocupados com os desafios para formar profissionais capazes de responder efetivamente à complexidade, marca inerente de nossa sociedade contemporânea. Mesmo considerando a diversidade e a riqueza de abordagens, constata-se que um tema tão caro, pertinente e que perpassa o cotidiano da vida de milhares de estudantes e educadores, ainda carece de investimento em pesquisas capazes de contemplar a diversidade cultural, as relações étnico-raciais e as questões ligadas à religiosidade popular.

Estudo realizado pela pesquisadora Regina Pahim Pinto (2002b) busca localizar quais são as temáticas sobre as relações étnico-raciais e educação. A autora analisa a produção veiculada por três revistas de responsabilidade de programas de pós-graduação em Educação. Temas como sistema educacional, formação de professores, preconceito e discriminação racial, identidade, multiculturalismo e educação multicultural, conceitos, movimentos sociais, cultura e ação afirmativa

são encontrados na análise realizada pela autora. Os acréscimos a esse campo de estudos ficam por conta da inserção das temáticas: movimentos sociais, ações afirmativas e formação de professores. No que diz respeito à formação de professores, percebe-se a necessidade de um investimento na realização de pesquisas com maior profundidade na abordagem e localização dos problemas enfrentados no cotidiano da sala de aula, no próprio processo formador de educadores, na busca por metodologias mais apropriadas e na divulgação de propostas e experiências de trabalho que apresentem avanço nesse campo. Um tanto quanto nebulosas aparecem várias frentes de trabalho que exigem investimentos de pesquisa e de construção de propostas pedagógicas que possam ser acompanhadas, avaliadas e aperfeiçoadas.

Canen, Arbache e Franco (2001) analisam as dissertações e as teses produzidas no período entre 1981 e 1998, presentes no Cd Room da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPEd). Os autores procuram localizar como se apresenta o campo dos estudos sobre multiculturalismo associado à temática da formação de professores. Tomam por referência a noção de multiculturalismo crítico pós-colonial e a centralidade nas temáticas da identidade e dos processos de hibridismo para configurar a análise (CANEN; ARBACHE; FRANCO, 2001:4). Dentre os destaques dos autores, está o deslocamento de uma análise, inicialmente, marcada por uma visão abstrata da diversidade cultural para a construção de um discurso mais representativo dos contextos onde práticas discriminatórias e desiguais se realizam.

Moreira (2001) faz um exame da produção veiculada entre 1995 a 2000 em um conjunto de periódicos brasileiros e nos Anais da ANPEd. Dentre as temáticas destacadas na análise do autor, podem ser extraídas duas direções. A primeira refere-se ao Currículo e à Etnia, onde a questão das relações étnico-raciais recebe ênfase. Observa o autor que a perspectiva analisada aponta para a importância das ações dos movimentos sociais, assim como para projetos de intervenção para além da aposta em reformas e adequações curriculares e mesmo do sistema educacional. A segunda, denominada de Multiculturalismo e Formação Docente, evidencia, para além da falta de material adequado sobre a diversidade cultural, a necessidade de análise de experiências bem-sucedidas nesse universo. É constatada uma lacuna no que tange aos estudos que contemplam a verificação de currículos de cursos formadores de professores numa perspectiva multicultural.

Giseli Pereli de Moura Xavier (2008), utilizando-se do banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento e de Pessoal de Nível Superior (CAPES), defendidas de 1987 a 2006, e dos pôsteres e trabalhos apresentados de 2000 a 2007 no Grupo de Trabalho *Formação de Professores*, disponíveis no site da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), procura localizar

(...) em que medida a formação continuada de professores e gestores escolares tem sido objeto de pesquisa no contexto da formação de profissionais da

educação brasileira, e em que medida a temática formação continuada tem sido discutida ou influenciada por preocupações multiculturais, na produção acadêmica de conhecimento na área. (p. 2)

Constata a pesquisadora, em sua análise, a existência de um pequeno número de pesquisas, tanto no Banco de teses e dissertações quanto nos trabalhos do GT Formação de Professores, que alia a discussão sobre multiculturalismo aos processos formativos de professores em serviço. Afirma a autora, que dentre os poucos trabalhos localizados, observou-se a “emergência de potenciais mais críticos, problematizadores da realidade e da diversidade escolar”. (p. 15)

Penso ser suficiente esse conjunto de trabalhos para demonstrar o quanto a temática da religiosidade e da educação constitui-se como um campo ainda pouco explorado pelos pesquisadores em educação, talvez, por isso mesmo, observa-se a quase ausência de materiais pedagógicos destinados a auxiliar educadores interessados em trabalhar com a questão. Ainda que não se possam negar as contribuições, já consolidadas, do campo da antropologia e da sociologia, igualmente se pode deduzir o desconhecimento desses trabalhos por grande parte dos professores (SANTOS, 2005).

## **Percepções dos educadores sobre expressões de religiosidade matriz africana no contexto da escola**

Inicialmente, cabe apresentar, ainda que de forma rápida e sucinta, alguns elementos que demarcam as práticas religiosas históricas presentes no cenário do Estado do Rio Grande do Sul no que se refere à religiosidade de matriz africana. Podemos sintetizar três grandes vertentes dessas manifestações religiosas, denominadas de Batuque, Umbanda e Umbanda Cruzada.

Para o antropólogo Norton Corrêa (2002:240), o Batuque ou Nação é a “religião negra mais tradicional, antiga e característica do extremo-sul do Brasil”. Oro (2002) situa a presença de práticas religiosas de matriz africana no Estado a partir de 1833, principalmente nas cidades de Pelotas e Rio Grande. A origem da Umbanda, no Brasil, remonta ao início do século XX e tem como território a cidade do Rio de Janeiro. Um dos expoentes, ao que tudo indica, fundador da Umbanda em território brasileiro, é Zélio de Moraes. Entretanto, vale destacar que não há um consenso entre pesquisadores nesse sentido<sup>2</sup>. No que tange à presença da Umbanda no Estado do Rio Grande do Sul, o pesquisador Ari Pedro Oro (2002) aponta a data de 1926. Assim como o batuque, também foi inicialmente originada na cidade de Rio Grande e trazida para Porto Alegre em 1932. Quanto à Linha Cruzada ou Umbanda Cruzada, para Oro (2002) trata-se de uma expressão religiosa relativamente nova, iniciada, tudo indica, na década de 60. A razão da denominação Linha Cruzada ou Umbanda Cruzada refere-se ao fato de que, se no

---

<sup>2</sup> Conferir estudo histórico sobre as origens da Umbanda em Giumbelli (2002).

Batuque são cultuados orixás e na Umbanda caboclos, pretos velhos e crianças, na Umbanda Cruzada ocorre a reunião dessas entidades, somando-se a isso o culto aos exus e às suas representações femininas, as pombagiras.

Passa-se a analisar as informações coletadas durante a pesquisa com os professores. Buscou-se localizar propostas e percepções que apresentam os educadores em relação à temática das religiões africanas. Por uma questão didática, apresenta-se a reflexão dividida em dois eixos temáticos extraídos a partir de uma leitura preliminar das entrevistas. O primeiro procura explorar a visão dos educadores sobre a composição étnico-cultural da própria escola, e o segundo busca adentrar no universo cotidiano do que ocorre nas práticas pedagógicas, procurando vislumbrar como são percebidos e trabalhados os elementos culturais das religiões de matriz africana.

## Sobre a composição étnico-cultural: alunos negros na escola

O fato de os estudantes pretos e pardos terem suas presenças reduzidas no ensino médio só confirma o que as estatísticas apontam em termos de exclusão, “expulsão” da escola dessa camada da população. A presença de alunos negros nas escolas investigadas, uma vez que não foi possível levantar esse dado através dos registros escolares, é abordada a partir das falas das professoras entrevistadas, aliando a isso a observação do cotidiano escolar. Das três escolas, em duas delas as educadoras deixam claro que a presença de alunos negros (pretos) e pardos no ensino médio é significativamente menor se comparada com a presença no ensino fundamental e séries iniciais, assim se expressa uma das educadoras: “Eu acho que é muito mais clara, em si tem bastante negro, mais é negro e pardo, é muito claro, o pessoal tem vindo muito da região de Santa Catarina, é que aqui é um pessoal que vem muito do interior” (Profª. Ju. Diretora). Outra educadora assim responde:

Mas em sala de aula não, nunca, é que também tem pessoas que em função de toda uma mistura. Agora, dependendo da turma como um todo, o número de negros é muito pequeno dentro da turma. Que é visível a diferença, assim, como também se tu olhar pra ver quem é branco, branco, tu também vai ter um grupo bem pequeno. A questão da tonalidade de pele é uma coisa infinita, tu pode ir de um extremo ao outro. (Profª. M. Supervisora Pedagógica)

A partir de observações realizadas durante os intervalos das aulas, principalmente durante o recreio, verificou-se uma presença significativa de alunos jovens negros e pardos. Uma das professoras, quando interpelada a se manifestar sobre esse fato, respondeu que, na verdade, “nem se dava conta, nunca havia pensado sobre isso”.

No Brasil – e em diversos países da América Latina – a classificação racial apóia-se tanto na aparência (características fenotípicas, como a cor da pele ou o tipo de cabelo) e na ascendência, quanto no *status* socioeconômico da pessoa.



Assim, a classificação racial no Brasil é fluida e variável, com a possibilidade de se ultrapassar a linha de cor em decorrência da combinação entre aparência e *status* social. (CARVALHO, 2005, P.78)

## O olhar sobre a religiosidade: das experiências pessoais à prática docente

Na opção religiosa das educadoras e suas aproximações ao universo das religiões de matriz africana, encontram-se dimensões de trajetórias individuais que garantem em maior ou menor grau o conhecimento sobre essa temática religiosa. Esse é o caso da professora M: “Porque a minha mãe e minha avó tiveram uma *flora* de umbanda aqui em frente à igreja São Jorge. Então eu nasci e me criei ali dentro, vendendo artigos de umbanda”.

Uma experiência isolada garantiu à educadora o conhecimento sobre os usos ritualísticos dos objetos religiosos. Mesmo considerando esse conhecimento e essa experiência, a professora afirma não utilizá-los para realizar discussões em sala de aula, até porque, segundo a educadora, sua disciplina (Matemática) não contribui para que essa temática seja inserida nos estudos em sala de aula. Outra professora afirma: “A católica, mas não me desfaço das outras, aprecio, até porque assim, ó, o meu início como professora de língua portuguesa em Gravataí, eles me adaptaram também, que a área era comunicação e expressão, então tu acaba trabalhando com artes, ensino religioso” (Prof<sup>a</sup>. Jo. Supervisora Pedagógica).

As exigências e as necessidades da escola acabam por engajar, de forma inusitada, alguns educadores em temáticas não tão estranhas à trajetória pessoal das educadoras, porém, esse engajamento se dá dentro de um plano de casualidade.

Não, mas já ouvi falar, é que tem muitos, que são muito bons, que são fortes, aqueles não são fortes, como eles dizem. E até porque eu sou negra também, e eles são negros, e combina, e eu sou muito falante e eles também, mas qual é a diferença que tem, quer comentar comigo, eu aceito que tu faças esse comentário. (Prof<sup>a</sup>. Jo. Supervisora Pedagógica)

Não, nunca entrei, não por ter receio e coisa desse tipo, mas não. Falta de oportunidade mesmo. (Prof<sup>a</sup>. Ju. Diretora)

A trajetória da professora Jo, além de sua própria experiência com a família e o contato ao longo de sua experiência docente, evidencia-se na prática educativa, que se constitui numa atitude de escuta junto aos alunos, estimulando para que dividam suas experiências cotidianas e que as insiram nas discussões em sala de aula.

Eles colocam das experiências deles, o medo, a gente vê muito medo, e eu lembro da minha época de criança, e até como adulto de com quem que tu está, mas eles não deixam tu bater na mesa, de cantar, então às vezes eu chego próximo deles e canto um pedacinho daquilo que eles estão cantando, eles perguntam: Mas tu conheces? E eu digo: Porque não, qual é o problema? Mas até para eles se sentirem em casa, em um ambiente agradável, que eles têm o direito também de fazer alusões. (Prof<sup>a</sup>. Jo. Supervisora Pedagógica).

A interação entre educadora e alunos se dá principalmente pelo informal, por aquilo que não está previamente estabelecido, projetado. Dessa forma, a temática ganha espaço no trabalho pedagógico através do diálogo livre, solto, aparentemente sem comprometimento por parte dos alunos. Porém, esse é um diálogo que, mesmo fugindo do instituído, acaba por instituir outras/novas ordens, outras relações, outras práticas. Dessa forma, se desenham, embora em um aparente caos, outras relações no âmbito do fazer educativo.

Tal experiência também é reafirmada pela professora Ju: “É, mas tem muito de clandestino, às vezes o pessoal se esconde, o pessoal ainda não consegue publicamente assumir”. Ou ainda, continua a mesma educadora:

Tinha uma aluna da oitava, da EJA, uma quinta-feira dessas, ela me desce toda louca, toda vestida de preto, de salto alto: “Professora me deixa sair, porque eu vou encurvar um monte de gente aqui dentro hoje”. Encurvar, eu disse, mas tu vai encurvar por quê? “Porque eu sou mãe de santo, eu to precisando sair” (Diretora).

Professores e estudantes demonstram conviver com expressões de religiosidade de matriz africana no cotidiano e confirmam, pelas entrevistas, a falta de informações sobre o significado real dessas expressões. Observa-se que situações como a relatada é comum no cotidiano escolar.

## O olhar sobre as práticas: ensino religioso e religiosidade

O trabalho com o ensino religioso no Ensino Médio, como potencialmente um espaço para a reconstrução das contribuições da cultura africana em território brasileiro, se manifesta, com base nos depoimentos colhidos nesta pesquisa, como um lugar desprovido de condições reais e pragmáticas, para não utilizar uma expressão mais pessimista. Isso é decorrente do fato de que o ensino religioso é opcional aos alunos, em conformidade com a legislação vigente. As aulas de Ensino Religioso são oferecidas aos sábados ou, então, no final da tarde entre o horário das 18 e 19 horas. Um horário em que os estudantes, grande maioria composta por trabalhadores, estão, na melhor das hipóteses, retornando do trabalho. Os depoimentos a seguir enfatizam tal situação:

A nossa professora de história, isso é no diurno. No noturno, é assim, como o ensino religioso é opcional, ele acontece, na verdade ele não acontece porque o pessoal resolveu não fazer. O ensino religioso acontece às dezoito horas da tarde. (...). Tem uma professora até que tem carga horária, mas aí ela fica fazendo outras coisas na escola. Claro que não tem matéria... E quanto menos matéria, menos compromisso e o pessoal se manda. Mas essa é a proposta do ensino médio e do diurno. (Prof<sup>a</sup>. Ju. Diretora)

Então eles me pediram para lecionar, além de trabalhar com língua portuguesa, então eu tive que conhecer um pouquinho de cada uma das religiões, das seitas, das crenças da própria comunidade que eu trabalhava como professora de português e trabalhava ensino religioso. (Prof<sup>a</sup>. Jô. Supervisora Pedagógica)

## O olhar sobre a proposta pedagógica

Outro aspecto abordado durante a entrevista diz respeito à proposta pedagógica da escola. Das três escolas investigadas, em uma foi possibilitado o acesso para consulta do texto da proposta no próprio local. Em outra, as supervisoras afirmaram não conhecer, e na terceira, a diretora informou que a proposta encontrava-se defasada e que era meta desencadear um processo de revisão e elaboração de uma nova Proposta Pedagógica para a escola.

Na análise do documento disponibilizado, datado de 2001-2002, observou-se que no total de 10 páginas, o conteúdo disposto envolvia descrição da escola, atos legais de fundação, breve descrição de dois projetos em andamento (Educação Ambiental e Identidade e Cidadania). Num outro item, a participação da comunidade é entendida como a comunidade escolar, ou seja, estudantes e professores. Três organizações são citadas: o Conselho Escolar, o Grêmio de Alunos e o Grêmio de Professores. Esse item da proposta encerra-se com a afirmação seguinte: “Todos com dificuldades para mobilizar massivamente, segmentos e comunidade que representam”. Há uma preocupação com a formação continuada dos professores. A proposta prevê: “Divulgar e promover o debate de temas imprescindíveis à formação qualificada e atualização: inclusão, exclusão, nova educação e a LDB, ECA etc.”.

O que se constata, a partir da entrevista com a educadora dessa mesma escola, é que a Proposta Pedagógica que se encontra sistematizada não contempla as iniciativas e os projetos em andamento. “É em termos da afrodescendência, até para o pessoal saber de onde veio, de onde surgiu, a expectativa que tem em cima da questão racial, não só com as pessoas negras, mas acho que outras etnias” (Prof<sup>a</sup>. Jo. Supervisora Pedagógica).

Tem até, inclusive, tem assim, tem um grupo, no momento que colocaram, a gente vê até antes, nos conteúdos, da mensagem, uma preocupação com valores, aquela questão tradições do Rio Grande do Sul, os povos que formaram, que colonizaram o Rio Grande do Sul, quem realmente descobriu o Brasil, quem estava aqui, quem vê esses conteúdos de História e de Geografia contempla, e até dentro da Literatura, isso acontece. Não tem como tu não vincular ao teu conteúdo, ao teu dia-a-dia (Prof<sup>a</sup>. Jo).

É a revisão especialmente, nessa questão, porque diz assim, é um tempo e espaço de direitos e deveres, visando um grande objetivo da humanização, só que estamos longe dessa história, né. Claro que, eu acho que a escola avançou muito na questão da elaboração do regimento, normas de convivência, as questões de caráter integrador, o conselho de classe participativo, ajudam tanto, ajuda a gurizada a dizer situações que eles percebem que eles mesmos acabam dizendo. Os passos que a gente tem dado nessa questão da humanização, nos cuidados com o ambiente. Pegou, a gente sabe quem foi, “não, tu vai limpar”, ele vai e limpa, mas lá fora não é assim (Prof<sup>a</sup>. Ju. Diretora).

## A título de finalização

Nesse cenário, onde os agentes que constituem a comunidade educativa movimentam-se por entre responder às exigências, às necessidades e às suas obrigações no tangente ao andamento do trabalho escolar, insere-se outro elemento fundamental: as atitudes e as práticas do professorado diante dos alunos pertencentes às culturas minoritárias. Nessa direção, Lovelace (1995) propõe o reconhecimento, por parte dos professores, das formas de discriminação e do conhecimento das práticas culturais que ocorrem no interior da escola e no conjunto da sociedade. Somente dessa forma, quando os professores sensibilizados pela realidade social forem capazes de assumir uma atitude crítica, é que poderá se ter uma proposta mais efetiva para a transformação da realidade escolar numa perspectiva interculturalista.

As atitudes dos professores diante dos alunos são fundamentais, uma vez que, em grande parte, os alunos são motivados e mantêm um grande nível de expectativa em relação aos seus mestres. Uma atitude positiva demonstra o quanto o professor aposta e acredita em seu aluno. Ao contrário, uma atitude negativa desestimula e empobrece o processo de aprendizagem. Para tanto, os professores terão de buscar informações da realidade social e dos problemas que enfrentam as nossas sociedades compostas por uma população multicultural. Para propor mudanças na escola e na sua estrutura, seguindo o que aponta Lovelace (1995:76), quatro aspectos são primordiais para desencadear esse processo de reestruturação:

- 1º. As mudanças da escola tida como homogênea devem ser consideradas como algo necessário e fundamental;
- 2º. A equipe docente deve sentir-se responsável do processo de mudança;
- 3º. As práticas democráticas de funcionamento da escola devem ser reforçadas;
- 4º. Os professores devem manifestar expectativas positivas diante dos alunos considerados pertencentes a grupos minoritários ou a grupos étnicos diferentes da maioria escolar.

Os professores que têm suas trajetórias de vida marcadas por relações de proximidade com práticas religiosas de matriz africana apresentam um maior grau de abertura para propor o diálogo sobre essas temáticas durante seu trabalho pedagógico, ou aquilo que denominam de “clandestino” ao currículo. Observam que os estudantes ainda se “escondem”, não assumindo o seu pertencimento a uma determinada prática religiosa que se encontra fora dos padrões reconhecidos e aceitos comumente na sociedade. São poucas as situações relatadas pelas educadoras em que se evidencia o pertencimento, e quando isso ocorre, ganha tons caricaturais, como é o caso da estudante “mãe-de-santo” relatado anteriormente.

Um espaço que inicialmente acreditava-se ser privilegiado para propor o estudo e a discussão sobre temas no campo das religiões de matriz africana, contribuindo para desfazer e rever conceitos e pré-conceitos, seria o da disciplina dedicado ao ensino religioso. Observou-se que, considerando a não obrigatoriedade da disciplina, nas três escolas o trabalho ficou comprometido. Seja por falta de frequência,

seja por falta de horários apropriados à realidade do alunado, seja pela falta de docentes com carga horária e formação específica para tal fim.

Por fim, outro aspecto a ser ressaltado é a importância da revisão do conceito de cultura junto aos educadores e, concomitante, o trabalho com os estudantes. Os depoimentos dos educadores permitem inferir a existência de uma hierarquização da cultura que a escola deve fazer circular, herança da relação construída pelos povos desenvolvidos em relação às manifestações culturais dos menos desenvolvidos. Primeiro, deve haver um processo de deshierarquização da cultura e do conhecimento, segundo, abertura para o diálogo de forma igualitária entre as diferentes formas de manifestação cultural.

## Referências Bibliográficas

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México: Editorial Grijalbo, 1990.

CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003 (Tradução de Sérgio Molina).

CANEN, Ana; ARBACHE, Ana Paula; FRANCO, Monique. Pesquisando multiculturalismo e educação: o que dizem as dissertações e teses. *Educação e Realidade*, v. 26, n.1, jan-jun, Porto Alegre, 2001. p. 161-181.

CORRÊA, Norton F. Mãe Moça da Oxum: cotidiano e sociabilidade no batuque gaúcho. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Memória Afro-Brasileira. Caminhos da Alma*. São Paulo: Summus/Selo Negro, 2002. p. 235-265.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, Maio-Agosto, número 23. São Paulo: ANPEd, 2003. p. 16-35

GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as origens da Umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Memória Afro-Brasileira. Caminhos da Alma*. São Paulo: Summus/Selo Negro, 2002. p. 182-217.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1994.

LOVELACE, Marina. *Educación multicultural. Lengua y cultura en la escuela plural*. Madrid: Editorial Escuela Española, 1995.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. *Revista Brasileira de Educação*, set-dez, n. 018, ANPEd, São Paulo, 2001. p. 65-81.

ORO, Ari Pedro. Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*. Ano 24, n.º2. 2002. p. 345-384.

PINTO, Regina Pahim. A questão racial e a formação de professores. In: OLIVEIRA, Yolanda (org.). *Relações raciais e educação: temas contemporâneos. Cadernos PENESB*. 4. Niterói: EdUFF, 2002a. p. 113-132.

PINTO, Regina Pahim. Educação e diferenças étnico-raciais: a visão das revistas em educação. In: OLIVEIRA, Yolanda (org.). *Relações raciais e educação: temas contemporâneos. Cadernos PENESB*. 4. Niterói: EdUFF, 2002b. p. 161-180.

PRANDI, Reginaldo. As religiões negras no Brasil. Por uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. In: *Revista USP*, São Paulo (28): Dezembro/fevereiro 1995/1996. p. 64-83.

SANTOS, Erisvaldo P. dos. A educação e as religiões de matriz africana: motivos da intolerância. *28ª Reunião Anual da ANPED*, 2005. 17p. Disponível <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt21/gt21241int.doc>, acesso em 01 de abril de 2009.

SILVA, Gilberto Ferreira da. Expressões de religiosidade de matriz africana no ensino médio: um estudo em escolas públicas no contexto de Porto Alegre (RS). In: BRAGA, Maria Lúcia de Santana; SOUZA, Edileuza Penha de; PINTO, Ana Flávia Magalhães (orgs.). *Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola*. Brasília: UNESCO/MEC, 2006. p. 237-256.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda. Caminhos da devoção brasileira*. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

XAVIER, Giseli Pereli de Moura. Refletindo multiculturalmente sobre a formação continuada de professores e gestores escolares: produção do conhecimento e perspectivas. Caxambu: *31ª Reunião Anual da ANPED*, 2008. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT08-4083--Int.pdf>, acesso em 01 de abril de 2009.

Recebido em: 20/11/2010

Aprovado em: 14/06/2011